



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE FILOSOFIA**

ANDREZA ROZALINA AGUIAR DE LIMA

**A RELAÇÃO ENTRE ANGÚSTIA E POSSIBILIDADE TENDO COMO
ILUSTRAÇÃO O CONTO “ELSIE, A SENSATA”.**

**CAMPINA GRANDE
2017**

ANDREZA ROZALINA AGUIAR DE LIMA

**A RELAÇÃO ENTRE ANGÚSTIA E POSSIBILIDADE TENDO COMO
ILUSTRAÇÃO O CONTO “ELSIE, A SENSATA”.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Me. Ramon Bolívar C. Germano

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732r Lima, Andreza Rozalina Aguiar de.

A relação entre angústia e possibilidade tendo como ilustração o conto "Elsie, a sensata" [manuscrito] / Andreza Rozalina Aguiar de Lima. - 2017.

20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação: Prof. Me. Ramon Bolivar Cavalcante Germano, Departamento de Filosofia".

1. Angústia. 2. Liberdade. 4. Desespero. I. Título.

21. ed. CDD 179

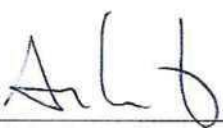
ANDREZA ROZALINA AGUIAR DE LIMA

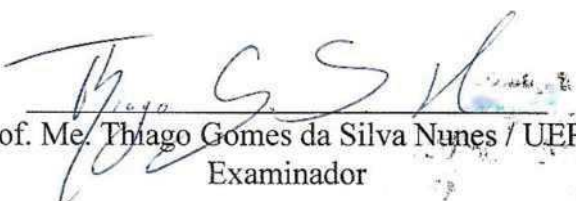
A RELAÇÃO ENTRE ANGÚSTIA E POSSIBILIDADE TENDO COMO
ILUSTRAÇÃO O CONTO “EISIE, A SENSATA”.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciada em
Filosofia.

Aprovado em 12/04/2017.


Prof. Me. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Me. Thiago Gomes da Silva Nunes / UEPB
Examinador

À minha família, pela dedicação e por toda a
cooperação, em especial à minha mãe,
pela dedicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por toda sabedoria concedida, permitindo a elaboração deste estudo, pela sua graça e por ter me ajudado, em todas as coisas, até aqui.

Ao meu pai Severino Paulino (*in memoriam*), por ter-me como orgulho quando se alegrou ao meu lado durante cada conquista, por me ensinar e me permitir tudo por amor. A ele que, mesmo ausente fisicamente, continua sendo o motivo pelo qual persisto e insisto na carreira.

A toda família e amigos que, direta e indiretamente, contribuíram ajudando e me apoiando nos momentos solicitados.

Ao professor orientador Ramon Bolívar por toda a contribuição e suporte que lhe coube, pelas correções e incentivos, bem como ao Professor Thiago Gomes também pela participação e a, não só pela participação na banca, mas, pela colaboração durante o decorrer do curso, assim como ao professor Arlindo de Aguiar.

Aos colegas e amigos de classe, por todos os momentos colaborativos e de descontração no decorrer do curso.

A toda equipe que compõe a UEPB, tanto professores que contribuíram por meio das disciplinas, tanto a equipe da coordenação e servidores que me foram solícitos.

*“A angústia é uma antipatia
simpática e uma simpatia antipática.”*

Vigilius Haufniensis

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Resumo..... | 7 |
| Introdução | 8 |
| 1. O conceito de angústia, sua historicidade e relação com o pecado.... | 10 |
| 2 . Quando a angústia sucumbe ao medo | 13 |
| 3 . A angústia como liberdade pela fé..... | 16 |
| Conclusão | 17 |
| Referências | 19 |

A RELAÇÃO ENTRE ANGÚSTIA E POSSIBILIDADE TENDO COMO ILUSTRAÇÃO O CONTO “ELSIE, A SENSATA”.

Andreza Rozalina Aguiar de Lima¹

RESUMO

Pretende-se neste artigo uma abordagem da obra de Kierkegaard “O Conceito de Angústia”, debatendo suas vertentes e elaborando o conceito de angústia enquanto possibilidade, proporcionando ao leitor uma análise mais clara do conceito que, atualmente, parece obscuro. Entendido que a angústia surge na indeterminação do nada, da possibilidade do vir-a-ser, no salto entre inocência e culpa, a percebemos como um nada que se insinua, como uma antipatia simpática que, ao mesmo tempo, repele e atrai. A angústia se dá ante a liberdade, mas não liberdade de fato, e sim da possibilidade de haver possibilidade de liberdade. Utiliza-se, para tanto, o conto dos irmãos Grimm “Elsie, a sensata” como ilustração que remete à questão da angústia como estado de ânimo que põe o indivíduo frente a dois vértices, o afogamento na própria angústia (a queda no desespero), ou a possibilidade do vir-a-ser, da liberdade para novas possibilidades, tratando um possível problema como uma eventual solução. Visto que, inexoravelmente, a angústia faz parte de nossa existência, propomos encará-la como o próprio escape para as inquietações que lhe são recorrentes, assim, considerando a angústia como parte essencial da existência humana, sua determinação nos leva à compreensão do que é o ser humano, de modo que, quanto mais aprendemos dela, mais conhecemos a nós mesmos. É preciso aprender da angústia, penetrando-a com fé, mesmo que ela atemorize. Quem a conserva pela fé reconhece sua benevolência, pois, afasta de si as finitudes e se encontra pronto para o infinito. Não existe destino para a angústia.

Palavras-chave: angústia; possibilidade; liberdade; desespero.

INTRODUÇÃO

Em sua obra *O Conceito de Angústia* Kierkegaard, sob o pseudônimo Vigilius Haufniensis, defende que “a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade” (KIERKEGAARD, 2013, p.45), tendo em vista que, a angústia se dá pela responsabilidade de nossas ações. Partindo desse primado teórico, a ideia central do presente artigo é analisar a ambiguidade do

¹ Aluna da Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Email: andrezarozalina@gmail.com

respectivo conceito: a angústia enquanto possibilidade.

Para tanto, utilizaremos o conto “Elsie, a sensata”, dos Irmãos Grimm², citado na obra de Kierkegaard e que representa, de maneira ilustrativa, a angústia em questão, isto é, a angústia frente às possibilidades que, quando mal vivenciada, pode levar o indivíduo ao desespero. Portanto, o conto é usado como um exemplo literário do ato de *sucumbir* à angústia, visto que a sensação de angústia entendida hoje pela sociedade nos remete à dor e a um conflito existencial, um abismo entre sentimentos que se incompreendem e deixam o homem desorientado. É nesse emaranhado de sensações e indeterminações que a angústia põe o indivíduo frente a dois vértices, o afogamento na própria angústia e no desespero, ou a possibilidade do vir-a-ser, da abertura da liberdade para novas possibilidades.

Partindo do seu significado e do caminho feito até ela, não podemos fugir do fato de que a angústia poderá vir a ser vivida como algo que nos reprime, como dor e, finalmente, como desespero. Mas, aceitamos o desafio de buscar a possibilidade positiva no conceito de angústia e assim revelar as inúmeras possibilidades de crescimento que a ideia nos traz. O desafio de encontrar essa nova visão é o que move esta pesquisa, pondo em prática o pensar filosófico capaz de iluminar outros caminhos de reflexão antes desconhecidos, e com isso tratar um problema como uma porta para uma eventual solução. Segundo Haufniensis, pseudônimo que assina *O Conceito de Angústia*:

... quero afirmar que essa é uma aventura pela qual todos têm de passar: a de aprender a angustiar-se, para que não se venham a perder, nem por jamais terem estado angustiados nem por afundarem na angústia; por isso, aquele que aprendeu a angustiar-se corretamente, aprendeu o que há de mais elevado. (KIERKEGAARD, 2013, p.161)

Partindo do fato de que a angústia não pode ser anulada, não pretendemos aqui encontrar uma “cura” para a angústia, mas, uma vez que seria parte da auto-

² Tendo vivido num período de transição política na Alemanha, os irmãos Grimm carregam em seus contos narrativas de mitos e folclores, buscando explicação para as condições vividas no presente alemão. Assim, a literatura dos Grimm pautava-se em recuperar a identidade nacional por meio das raízes culturais, com isso, no decorrer de suas vidas foi elaborado um dicionário filológico da língua alemã, livros sobre gramática e história da língua alemã, bem como uma reunião de mitos, lendas e contos. Sobre isso Cf. MATA, S.; VIEIRA, G. M. Os irmãos Grimm entre romantismo, historicismo e folclorística. *Fênix*, v. 3, n. 2, Abr./ Mai./ Jun. 2006.

determinação do indivíduo, podemos considerá-la desse modo: como parte inexorável do conhecimento que o indivíduo tem de si mesmo. Portanto, o que pretendemos é considerar os dois gumes que ela nos apresenta, tanto a possível queda no abismo do desespero, como os novos caminhos e possibilidades que surgem através da aceitação desta disposição de ânimo.

Falar sobre angústia aponta para uma realidade muito mais presente do que imaginamos, visto que nem sempre ela se torna perceptível, mas infalivelmente interfere em nossa existência. Podemos então, encará-la e extrair dela uma ou várias “soluções” para a inquietação que lhe é decorrente. Para isto é essa pesquisa, pretendemos conhecer a angústia mais intimamente e não apenas o seu lado obscuro, tudo isso com o desafio de superar o significado negativo que a própria palavra carrega.

O conto “Elsie, a sensata” nos aparece como uma representação literária da inquietação proveniente das inúmeras possibilidades que nos angustiam. Iremos então fazer uma retrospectiva buscando o problema que, segundo Kierkegaard, surge desde Adão como sinal de fragilidade e assim uma pré- condição para o pecado. Passearemos sobre questões como: o que causa a angústia? Como lidar com esse conflito existencial? De fato é possível encontrar liberdade através da angústia? Segundo Kierkegaard, a angústia é parte essencial da existência humana, portanto, buscaremos um modo novo para sua compreensão.

Utilizando o conto como exemplo literário da questão existencial sobre angústia, veremos o devaneio da personagem Elsie que nos ajuda a compreender o conceito de angústia e o caminho que ela segue. A partir dessas questões buscaremos compreender o pensamento de Kierkegaard acerca desse “sentimento ambíguo” tão intrigante e atual que nos faz refletir sobre nossa determinação como indivíduos de modo que, por fim, venha a se tornar um bem que nos auxilia na descoberta de nossa própria liberdade e nos direciona a novos horizontes infinitos.

1. O CONCEITO DE ANGÚSTIA, SUA HISTORICIDADE E RELAÇÃO COM O PECADO

Para que possamos esclarecer todo o desenvolvimento acerca da angústia se faz necessário que entendamos o problema de pecado hereditário, uma vez

que, n'O *Conceito de Angústia*, o primeiro esclarecimento se faz sobre isto, de modo que é necessário entendermos o pecado hereditário como o que é precedido pela possibilidade da liberdade. Como possibilidade entendemos *ser-capaz-de*.

Angústia não é uma determinação da necessidade, mas tampouco o é da liberdade; ela consiste em uma liberdade enredada, onde a liberdade não é livre em si mesma, mas tolhida, não pela necessidade, mas em si mesma. Tivesse o pecado entrado no mundo necessariamente (o que constitui uma contradição) não haveria angústia alguma. Se tivesse entrado por um ato de um abstrato *liberum arbitrium* (que, tal como não existiu mais tarde no mundo também não existia no início, visto que é um absurdo lógico), igualmente não haveria nenhuma angústia. (KIERKEGAARD, 2013, p. 53)

Aquilo que relaciona angústia e pecado hereditário, o que faz nascer a angústia, através do pecado, é o nada, o estado em que o homem se encontra na inocência, diante de uma luta onde não se tem com o que lutar. Nesse estado de repouso surge a angústia, da inocência que se perde e peca, entre a inocência e o salto para a culpa. A angústia é, portanto, um atributo de um nada que se insinua, que sonha.

Segundo Haufniensis, “o indivíduo é ele mesmo e o gênero humano” (KIERKEGAARD, 2013, p. 31), tudo que o indivíduo realiza é estendido ao gênero humano. A hereditariedade vinda de Adão é referente à humanidade, gênero humano; a humanidade que há em Adão é a que há em nós e nada do que foi está fora disso. O pecado hereditário é assim, pelo fato dele ser parte do gênero humano, ou seja, onde há humanidade há pecado, ele se pressupõe a si mesmo; antes do homem pecar, o pecado já se faz “pecado”. Toda a humanidade, assim como Adão, carrega o pecado hereditário, pois assim como ele se faz presente a partir de Adão (como precursor), igualmente se atualiza em cada ser humano por si mesmo.

O primeiro pecado é, portanto, o que qualificaria o pecado, o pecado entrou no mundo através do primeiro pecado. Ora, partir da lógica de que o pecado entra no mundo através de um pecado, entendemos que ele se pressupõe a si mesmo, pois ele entra por ele mesmo, e portando o pecado entra como um *salto* que o qualifica e o faz voltar para a qualidade que pressupõe a qualidade. O salto é a determinação do pecado, o momento de *decisão*, a mudança da vontade

para o ato. Não pecamos porque Adão pecou, pecamos porque somos humanos – assim como Adão pecou porque era humano. A causa do pecado é o próprio pecado, a partir do primeiro pecado a pecaminosidade entrou em *Adão*, ou seja, na humanidade.

Dessa mesma maneira, a humanidade perde a inocência, pois só pela culpa é que a inocência é perdida e, para que haja culpa é necessário que antes seja inocente. De acordo com a narrativa bíblica, inocência é ignorância. Neste ponto, na inocência, o espírito sonha no homem e neste estado não existe discórdia nem luta, o que há é nada, nada contra o que lutar, apenas *nada* e ante esse nada surge a angústia. Ora, se estamos diante de algo concreto, de uma determinação iminente, logo o que se sente não é mais angústia e sim a consequência do fato. Entendemos como *nada* o espaço entre o *salto* e o *vir-a-ser*, a abertura que se dá para a possibilidade. Na angústia nada acontece, mas existe a possibilidade, precisamente neste ponto da possibilidade, no vazio onde não há determinação, a angústia se faz – na indeterminação.

A angústia é uma qualificação de espírito que sonha, e pertence como tal à Psicologia. Na vigília está posta a diferença entre meu eu e meu outro; no sono, está suspensa, e no sonho ela é um nada insinuado. A realidade efetiva do espírito se apresenta como uma figura que tenta sua possibilidade, mas se evade logo que se queira captá-la, e é um nada que só pode angustiar. Mais ela não pode, enquanto apenas se mostra. O conceito de angústia não é tratado quase nunca na Psicologia, e, portanto, tenho de chamar atenção sobre sua total diferença em relação ao medo e outros conceitos semelhantes que se referem a algo determinado, enquanto que a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade. Por isso não se encontrará angústia no animal, justamente porque este em sua naturalidade não está determinado como espírito. (KIERKEGAARD, 2013, p. 45)

A angústia se apresenta diante da indeterminação, diferente do medo que tem relação direta com seu objeto, a angústia aparece diante do nada, apenas na possibilidade do vir-a-ser e, portanto, não presente, tudo em um só instante. Assim como considera Arne Gron em *El concepto de la angustia en la obra de Kierkegaard*, a angústia se refere ao futuro (possibilidade):

Lo razona de la siguiente manera: << porque no me angustio ante lo presente, únicamente por lo pasado y lo futuro, pero lo pasado y

lo futuro enfrentados de tal manera que lo presente desaparece y se convierte en una determinación de reflexión. >> ... La angustia se refiere precisamente al futuro o a la posibilidad (...) (GRON, 1995, p. 17.)

. Ela não se dá através da reflexão, e sim da possibilidade existencial, da possibilidade que há da possibilidade de vir a ser realidade, da responsabilidade das escolhas das possibilidades. Nisso não há indiferença, mas sim o sentir da angústia. Em suas determinações dialéticas há ambiguidade, sendo ela uma antipatia simpática, o querer e não querer a mesma coisa ao mesmo tempo. A angústia é, então, gerada no que ainda é *nada*, ela é a realidade de uma possibilidade que pode vir a ser possibilidade.

Dizemos então que a relação da angústia com o objeto (o nada) é ambígua, pois “aquele que pela angústia torna-se culpado é contudo inocente” (KIERKEGAARD, 2013, p. 46), pois não foi ele, mas sim a angústia que o fez culpado. Mas ao mesmo tempo é também culpado pois se deixou levar pela angústia que amava e temia. Por exemplo, quando em nossa vida nos deparamos com caminhos diferentes a seguir, queremos escolher, mas tememos as consequências que eles podem trazer e com isso vivemos a ambiguidade da angústia, de querer e não querer algo. Quando queremos sair do nosso ponto de repouso, de conforto, mas ao mesmo tempo não queremos, nisso nós podemos vislumbrar como a ambiguidade da angústia funciona.

Quando, no Gênesis, Adão recebe a proibição de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, ele se angustia por ser despertada nele a possibilidade da liberdade, o que antes, na inocência, era um nada que angustiava, agora é a possibilidade de algo, ou a possibilidade de *ser capaz de*. A angústia se faz diante da liberdade, mas não liberdade de fato, e sim da possibilidade de haver possibilidade de liberdade. Realidade da liberdade como possibilidade. Nesse caso, a angústia aparece na possibilidade da liberdade de comer o fruto e na possibilidade consequente do castigo quando a bíblia descreve que, caso venha a comer, morrerá.

Portanto, a liberdade está no âmbito da possibilidade, pois ela não é necessária, já que, se assim fosse, não seria liberdade, porém não é uma possibilidade absoluta, o que então angustia. A possibilidade da liberdade implica na possibilidade da responsabilidade, com a responsabilidade vem a angústia,

dado que não haveria inquietação se não houvesse dever.

2. QUANDO A ANGÚSTIA SUCUMBE AO MEDO

No conto citado, “Elsie, a sensata”, os irmãos Grimm contam a história de uma jovem, chamada Elsie, que estava para casar-se com o jovem Hans, este, por sua vez, tinha como exigência o fato de Elsie ser verdadeiramente inteligente para poder tomá-la como esposa.

Em um dado momento, durante um jantar, foi pedido que Elsie fosse ao depósito de sua casa buscar mais cerveja para servir, indo ela ao depósito se deparou com uma picareta posta na parede sobre ela. Esse fato a atemorizou de maneira que ela começou a pensar “Se eu me casar com o Hans, e nós tivermos um filho, e ele ficar grande, e nós o mandarmos até o depósito aqui para buscar cerveja, então, a picareta poderá cair na cabeça dele e matá-lo.”³

Percebendo sua demora no depósito, a família da moça mandou uma criada ir ao seu encontro, chegando lá, ela se deparou com o desesperado choro de Elsie que explica o motivo e convence a criada da sua sensatez. Dessa mesma forma acontece com todos da família até que Hans decide verificar o que de fato aconteceu e, chegando lá, encontra Elsie e sua família aos prantos, desesperados com as possibilidades postas pela menina que mais uma vez explica: “Ah, meu querido Hans,” disse Elsie, “se nós nos casarmos e tivermos um filho, e ele for grande, e nós talvez o mandarmos aqui para buscar um pouco de bebida, então, a picareta que foi deixada pendurada na parede poderia esfacelar a cabeça dele caso ela caísse, então, não temos motivo para chorar?”⁴

Após estas coisas, Hans, convencido da sensatez de Elsie, se casa com ela. Passado um certo tempo ele a manda ir ao campo apanhar trigo para fazer pão, obedecendo seu marido Elsie prepara um caldo e vai ao campo, chegando lá uma dúvida penetra seu pensamento sobre o que ela deveria fazer primeiro, colher o trigo ou tomar o caldo, decidindo então se alimentar primeiro ela toma seu caldo e outra vez surge uma dúvida acerca de, primeiro colher o trigo ou

³ CONTOS DE GRIMM. Elsie, a sensata. Disponível em: <http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/elza_esperta>. Acesso em: 15 de mar. 2017

⁴ CONTOS DE GRIMM. Elsie, a sensata. Disponível em: <http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/elza_esperta>. Acesso em: 15 de mar. 2017

descansar. Elsie dorme. Chegando em casa e não encontrando sua esposa, Hans decide ir ao trigal ver o que ela tinha colhido e percebe que ela adormeceu sem colher nada, assim, ele foi em casa, buscou uma rede com sinos e prendeu na perna de Elsie.

Ao acordar, a sensata Elsie se levanta e ouve o barulho dos sinos a cada passo que dá e isso faz com que ela duvide se ela era a Elsie ou não, então, para confirmar se era ela mesmo, ela toma a decisão de ir para casa perguntar isto. Chegando em casa bate na porta e pergunta a Hans se Elsie estava lá dentro, prontamente Hans responde que sim. Acreditando que ela não era Elsie, vai ainda em outras portas para perguntar, mas, ouvindo os sinos, ninguém abre a porta para ela e assim Elsie nunca mais foi vista.

Conhecendo então o conto percebemos que em alguns momentos de seu discurso, Haufniensis menciona o conto “Elsie, a sensata”⁵, e a maneira como ela cai no abismo do desespero por não conseguir lidar com a angústia. Na sua inocência, Elsie imagina coisas horríveis que podem acontecer no futuro, o que se caracteriza como angústia visto que, ela se relaciona com a possibilidade futura, tendo como caráter oficial a liberdade para decidir a possibilidade de relacionar-se, mas ela sucumbe à angústia quando *determina* as possibilidades e assim, limita a sua liberdade, visto que o objeto da angústia é o *nada* (indeterminação), enquanto o objeto do medo é *algo* (determinação). Em Elsie, a angústia transmutou-se em medo.

Constatamos que durante o conto Elsie chora e teme explicando que “talvez” coisas possam acontecer e convence todos a essa angústia, visto que o “talvez”, a possibilidade do vir-a-ser é o motivo da angústia. O abrir portas para possibilidades leva à angústia. Porém, num segundo momento, não existe mais possibilidade, existe apenas a compreensão, mesmo que falsa, de que ela não era ela mesma, uma determinação faz com que ela se perca no desespero.

Ora, se sabemos que a angústia deriva da indeterminação, determinar uma possibilidade vai no caminho contrário ao da angústia. É a infinidade de possibilidades que nos causa a inquietação e, por conseguinte, a angústia. Assim, quando limitamos as possibilidades determinando-as, trocamos a angústia pelo

⁵ Cf. por exemplo (KIERKEGAARD, 2013, p.54): “Se ficamos com a questão, tal como a prudente Elsie com suas projeções, e a compartilhamos só com os amigos simpatizantes, aí, de algum modo, se tem consciência da própria tolice”.

medo. A angústia é um estado de reflexão e se diferencia totalmente do medo. Neste o homem está ligado diretamente ao objeto determinado, enquanto na angústia a relação se dá ambigualmente para com algo completamente indeterminado, mas que ao mesmo tempo se insinua.

Nesse sentido, a angústia mostra que o homem é um ente enfrentando a tarefa de definir a si mesmo, de modo que poderá desesperar caso incorra numa má relação para consigo mesmo. Um dos modos de desesperar é, como já antecipamos, aquele que, para fugir da angústia, refugia-se no medo.

É este o caso de Elsie: em não suportando a ambiguidade da angústia, ela determina o “possível” como a *possibilidade do mal*. Com isso ela não mais se angustia – pois tudo nela tornou-se medo. Sim, não se angustia, mas tampouco está livre, pois anula para si mesma a *possibilidade do bem*. Com outras palavras, Elsie tenta fugir da angústia e, ao fazê-lo, sucumbe no medo, pois determina o futuro (o reino da possibilidade) negativamente.

O final do conto é contundente: Elsie de tal forma sucumbe à angústia que, ao cabo, chega a um estado de auto esquecimento que beira a esquizofrenia enquanto perda de contato com o seu *self*. Com outras palavras, para não ser *angústia*, Elsie renuncia a si mesma!⁶

3. A ANGÚSTIA COMO LIBERDADE PELA FÉ

A angústia é necessária para que seja possível “libertar-se” da angústia. Considerando a angústia como parte essencial da existência humana, sua determinação nos leva à compreensão do que é o ser humano, do nosso eu, portanto, quanto mais aprendemos dela mais conhecemos a nós. Existe aqui uma relação do ser consigo mesmo que caracteriza o homem como uma síntese. “Aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade, e só quem é formado pela possibilidade está formado de acordo com sua infinitude. ” (KIERKEGAARD, 2013, p. 162)

⁶ Jonas Ross em *Kierkegaard e a antropologia entre a angústia e o desespero* escreve: “Uma pessoa nasce humana, trata-se de um dado antropológico a priori. Entretanto, um ser humano não é necessariamente um self, não é necessariamente si mesmo. O self envolve um processo de tornar-se. O self não é a simples junção de elementos polares, o que ainda guardaria um dualismo antropológico, mas uma relação autoconsciente, uma relação que se relaciona a si mesma na medida em que envolve um processo ativo de realização por parte do sujeito. ... O desespero surge como má relação da síntese consigo mesma...” (ROOS, 2009, p. 69)

No capítulo V d'O *Conceito de Angústia*, Haufniensis menciona um conto, também dos irmãos Grimm, intitulado "A história do jovem em busca de saber o que é o medo". O conto trata basicamente de um jovem que sai pelo mundo em busca de aprender a angustiar-se, frisando a importância de *aprender com a angústia*. Porém, a angústia formadora é, então, a angústia pela fé, que sobrepõe todas as coisas finitas e nos põe frente às infinitas. Assim é possível conhecer tanto as possibilidades boas quanto, e principalmente, as más, as que apavoram e as prazerosas, portanto, é conhecendo as piores e mais assombrosas possibilidades que se entenderá que o pesar do cotidiano é muito mais leve do que aparenta e se pode imaginar. Os desprazeres da vida se tornam muito mais fracos em comparação com os da possibilidade. Aprender desta forma, junto à angústia, tornará a possibilidade do mal menos atemorizante.

Quando, pois, um tal sujeito concluiu a escola da possibilidade e sabe, melhor que uma criança no seu ABC, que não pode exigir absolutamente nada da vida, e que o horrível, perdição, aniquilamento moram na porta ao lado de qualquer homem, e aprendeu com proveito que toda angústia, diante da qual ele se angustiava no momento seguinte avançou sobre ele, então ele dará uma outra explicação da realidade. (KIERKEGAARD, 2013, p. 162, 163)

Essa formação se faz válida quando aprendida através da possibilidade pela fé, visto que, esta antecipa a infinitude e, quando assim for feito descobre-se todas as finitudes e as transforma em infinitudes chegando então na angústia que é vencida pela antecipação da fé. Tão somente a possibilidade forma, pois, as experiências finitas formam de modo finito, sejam elas importantes ou não, de maneira que sempre haverá lacunas onde é possível se esquivar do sentido absoluto das coisas e, com isso, se faz necessário outra possibilidade para continuar a aprender.

Entende-se que, na formação com a angústia pela fé, quando se aprende com a angústia que salva pela fé, o sentimento produzido pela angústia acaba se repelindo pela própria angústia, pois, os temores que se espera da realidade acabam por se tornar muito mais leves que os da possibilidade visto que estes são infinitos. Se há quem engane a possibilidade, este não encontra fé, nem infinitude.

Penetrar no mais profundo da possibilidade permite que o indivíduo volte cheio de esperança e leveza sobre tudo o que lhe possa atormentar. É preciso

aprender a angústia, penetrando-a como fé, como certeza que antecipa para que não se perca, mesmo que ela atemorize, mesmo que ela apareça em sua forma medonha, quem a conserva pela fé reconhece sua benevolência e a saúda, pois, afasta de si as finitudes e se encontra pronto para o infinito. Não existe destino para a angústia.

Elsie, portanto, estava aprendendo, emergindo na angústia enquanto descobria tantas possibilidades, mas não aprendeu pela fé quando se perde em sua síntese enfrentando o desespero da má relação consigo mesma.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste artigo possibilita a desmistificação do conceito de angústia que se tem na atualidade vista como um conflito existencial, como um estado de dor que interfere negativamente no sentimento humano. Se torna claro, então, a importância positiva que se tem a partir desse estado de ânimo, pois, a temos como parte primordial e fundamental da existência humana. Como podemos entendê-la desde sua inserção na humanidade decorrente do pecado hereditário e como podemos apreendê-la através da ilustração no conto “Elsie, a sensata”.

De um modo geral, a percepção que adquirimos da angústia após o presente estudo é que, a partir do momento que nos deparamos com a liberdade da possibilidade adentramos em um “universo” infinito onde todas as coisas entram no âmbito da possibilidade. O espaço entre a possibilidade da concretização do fato e o não concretismo se caracteriza como o *nada*, tendo em vista que pode acontecer, mas não aconteceu. Esse é o salto da angústia, o intervalo do nada. Portanto, compreendemos que esse sentimento se faz necessário para a compreensão no nosso eu, daquilo que somos, da nossa humanidade.

Através da ilustração feita a partir do conto, conseguimos perceber os dois gumes da angústia, tanto a possível queda no abismo do desespero, como os novos caminhos e possibilidades que surgem através da aceitação desta disposição de ânimo. Quando Elsie encara as possibilidades, sendo considerada sensata e inteligente e quando ela se perde e desconhece seu próprio ser.

Pudemos compreender, então, a relação da angústia com nossa

humanidade através do pecado hereditário, bem como sua importância para nossa autodeterminação. O Conto nos apresenta as duas vertentes de aproveitamento dessa descoberta e, por fim, podemos perceber a importância do *aprender a angustiar-se*, aprender através da angústia formadora, sendo esta a angústia pela fé que sobrepõe todas as coisas finitas e nos apresenta as infinitas possibilidades que nos libertam.

Nesse sentido, a utilização correta das experiências através da angústia, pela fé, nos coloca diante da infinitude que nos forma, nos ensina. Emergir na angústia nos permite retornar descobrindo as infinitas possibilidades e é o infinito que nos propõe sermos livres, inclusive da própria angústia visto que o sentimento produzido pela angústia acaba se repelindo pela própria angústia.

THE RELATION BETWEEN ANGUISH AND POSSIBILITY USING AS AN ILLUSTRATION THE STORY OF THE BROTHERS GRIMM "CLEVER ELSIE".

ABSTRACT

In this article we intend to approach Kierkegaard's work "The Concept of Anxiety", debating its aspects and elaborating the concept of anguish as a possibility, giving the reader a clearer analysis of the concept that at present seems obscure. Understood that anguish arises in the indetermination of nothingness, of the possibility of becoming, in the leap between innocence and guilt, we perceive it as a nothingness that insinuates itself, like a sympathetic antipathy that at the same time repels and attracts. Anguish precede to freedom, but not freedom of fact, but the possibility of freedom. The story of the brothers Grimm "Clever Elsie" is used as an illustration that refers to the question of anguish as a state of mind that puts the individual in front of two vertices, drowning in their own anguish (the fall into despair) , or the possibility of becoming, from freedom to new possibilities, treating a possible problem as a possible solution. Since inexorably anguish is part of our existence, we propose to regard it as the escape from the restlessness recurring to it. Thus, considering anguish as an essential part of human existence, its determination leads us to an understanding of what is the human being, so that the more we learn from it, the more we know ourselves. It is necessary to learn from anguish, penetrating it with faith, even if it is frightening. He who preserves it by faith recognizes his benevolence, for he removes finitudes from himself and is ready for infinity. There is no fate for anguish.

KEY WORDS: Anguish; Possibility; Freedom; Despair.

REFERÊNCIAS

CONTOS DE GRIMM. Elsie, a sensata. Disponível em: <http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/elza_esperta>. Acesso em: 15 de mar. 2017.

GRON, A. El concepto de la angustia en la obra de Kierkegaard. *Thémata*, n. 15, p. 15-30, 1995.

KIERKEGAARD, S. A. *O conceito de angústia*. Trad. Álvaro Luiz. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. 177 p.

MATA, S.; VIEIRA, G. M. Os irmãos Grimm entre romantismo, historicismo e folclorística. *Fênix*, v. 3, n. 2, Abr./ Mai./ Jun. 2006.

ROOS, J. Kierkegaard e a antropologia entre a angústia e o desespero. *La Mirada Kierkegardiana*, n. 1. Buenos Aires, 2009.